

sição democrática do ideal de valorização do trabalho e reintegração do trabalhador na órbita dos valores da civilização moderna. Não me furtarei ao prazer de citar :

“A supressão de privilégios em favor de pessoas, de grupos ou de classes é a grande tarefa da democracia moderna, cujo conteúdo é a igualdade, ao lado da liberdade, que é sua base e seu clima”.  
— J. C. DE OLIVEIRA TORRES.

Dr. J. VINCENS VIVES: TRATADO GERAL DE GEOPOLÍTICA (*Geografia, Historia, Guerra y Diplomacia*) Coleção “Hilani” — Editorial Teide — Barcelona — 230 págs., 1/16 — 1950.

**A** GEOPOLÍTICA, filha da Geografia Política de RATZEL (1897), nasceu neste século com um duplo pecado original: o caráter estritamente determinista e a ambição de ciência normativa.

A fôrra determinista adveio-lhe de sua filiação ratzeliana, exacerbada pela escola geográfica alemã. A ambição normativa foi o seu drama: cedo transformou-se em arma de propaganda política, de instrumento de imperialismo expansionista, que o nazismo, sobretudo, explorou em suas últimas conseqüências.

Não admira assim a reserva com que a nova ciência, inicialmente inoculada como um dos ramos da Política, e não da Geografia, pelo estadista sueco KJELLÉN, foi recebida em todos os círculos científicos democráticos. Essa reserva, que se tornou logo resistência, ainda é bem viva entre os geógrafos da escola francesa, que guardam ciosos o legado do possibilismo clássico, deixado pelo seu mestre, VIDAL DE LA BLACHE. Num tratado recente que hoje tem voga em todo o mundo dos especialistas (LES FONDEMENTS DE LA GÉOGRAPHIE HUMAINE — 4 tomos — ARMAND COLIN), o eminente geógrafo MAX SORRE declara (Tomo II — *Les Fondements Techniques* — pág. 17): “Le mot de “geopolitique” ne s’impose pas. Il est lié à de trop détestables souvenirs pour être conservé. Mais on ne saurait tout rejeter des tendances biologiques de l’œuvre de KJELLÉN.”

O pronunciamento, além de autorizado, é bastante significativo. Mostra que a resistência em face da geopolítica cifra-se às detestáveis lembranças que evoca, em seus primórdios: o drama e os desvários dos geógrafos alemães da “Revista de Geopolítica”, de HAUSHOFER, transformados por Hitler em corifeus do expansionismo “solo e sangue”, adotado pelo III Reich. Mas revela, ao mesmo tempo, que não é possível menospresar-se aquilo que a pesquisa honesta e criteriosa demonstra, no tocante à interação entre

o ambiente geográfico e os acontecimentos políticos, ao longo da história.

Os especialistas franceses ainda preferem a clássica Geografia Política ao neologismo lançado por KJELLÉN, embora entre Geografia Política e Geopolítica se tenha feito uma distinção essencial, aquela como ciência estática, destinada à análise geográfica do Estado, em sua estrutura atual e em seu desenvolvimento histórico, esta ciência dinâmica, pretendendo aplicar o resultado da síntese entre a geografia histórica e a geografia política à explicação dos sucessos políticos e diplomáticos contemporâneos. E num "vient-de-paraitre" dêste ano (GEOGRAPHY IN THE TWENTIETH CENTURY — Vários Autores — Methuen, editora — Londres) vamos encontrar outra espécie de reação bastante expressiva dos geógrafos ocidentais em face da geopolítica. É o ensaio final do livro, em que o renomado geógrafo inglês GRIFFITH TAYLOR opõe à geopolítica um outro neologismo que êle próprio lança, a *geopacífica*, antítese daquela, e que, embora pouca coisa tenha de comum com as idéias pacifistas, almeja fornecer ao mundo os elementos para a organização da paz :

"Geopacifics is an attempt to base the teaching of freedom and humanity upon real geographic deductions; in a sense it is humanized geopolitics. It shows for instance, from a study of the World Plan, where the leading nations must arise; be it understood to lead not to conquer... It shows that we should study environmental control, so as to advance in harmony with our environment. It is a material philosophy, but not a complete one, because it does not pretend to discuss those basic principles which properly belong to distinct ethical disciplines". (Opus cit — página 606).

Tôdas essas posições denunciam a preocupação que as vicissitudes da formação da geopolítica ainda causam nos espíritos dos geógrafos modernos. Antes de mais nada, pretende-se tirar da geopolítica o caráter de ciência guerreira, de norma de ação imperialista, em suma, aquêlê charlatanismo que não deixou de existir entre os especialistas do grupo de HAUSHOFER. E também aparalhe o extremado determinismo, porque já vai longe o tempo em que a equação dos fatos geográficos, quaisquer que sejam, se reduzia aos fatores físicos e biológicos e em que, também, os Estados apareciam com aquela organicidade biológica, que pretenderam dar-lhes KJELLÉN e seus seguidores.

É o que dá atualidade e préstimos bastantes ao manual dêste eminente professor de história da Universidade de Barcelona. Ao invés de rejeitar de plano a geopolítica, em razão de origens e desen-

volvimentos pouco recomendáveis que teve sob o consulado de Hitler, na Alemanha, dispôs-se o DR. VICENS VIVES a examinar com objetividade e isenção admiráveis o problema das circunstâncias históricas que levaram pensadores e geógrafos a meditar sobre os resultados da interação solo e cultura.

É muito interessante a metodologia que o A. emprega para iniciar o leitor na ciência que procura sistematizar em seus fundamentos. Dedicar, assim, o primeiro capítulo ao exame das comprovações históricas, — as reiteraões, as divergências e as trajetórias que acabam por configurar na mente dos pensadores a existência de um sentido geo-histórico. No segundo, relata as interpretações que à interação fator geográfico-fator histórico deram os escritores através dos tempos e que acabaram por constituir a geopolítica como um ramo da geografia humana (o A. pretende filiá-la antes, como KJELLÉN, à ciência política.) O método geo-histórico é estudado no capítulo seguinte. A segunda parte da obra compreende o estudo da interação Solo-Cultura-Estado: o meio geográfico e as criações culturais e políticas; o meio geográfico e o desenvolvimento geo-histórico dos povos. E a terceira e última parte do tratado focaliza as tensões internacionais: a fronteira como periferia de tensão; a expansão econômica e o avassalamento político; as tendências externas dos Estados.

Ao longo destes capítulos, não somente se aclara, através de aspectos básicos e sedutores, a visão sistemática da geopolítica, como vamos, também, tomando um contacto sumamente proveitoso com o grande humanista e original historiador que é o Professor VICENS VIVES.

Para o A. a geopolítica é a ciência do espaço vital, tomado este termo não na acepção de determinismo geográfico e biológico que lhe deram os geógrafos nazistas, mas como o "lugar geográfico donde se produce el asentamiento del pueblo con el suelo y se desenvuelven las energias y las tensiones políticas del Estado que tal contacto suele engendrar" (pág. 73).

Colocando-se numa posição estritamente científica diante dos fatos geopolíticos, o A. refuta o determinismo geográfico e biológico, observando, com justeza, que, "como entidades determinantes do movimento histórico, são mitos tantos a geografia como a etnografia. Nem o Solo, nem o Sangue, nem a matéria inerte nem a matéria viva, podem criar por si só formas culturais humanas. E não as criando, não as podem condicionar. O que não é óbice para que se reconheça a importância de ambos os fatores no aparatoso choque funcional de "desafio e de resposta", para usar a terminologia de TOYNBEE."

Estamos assim em face de um possibilista, para quem o método geo-histórico deve basear-se na Lei de Ouro de TOYNBEE, segundo a qual "o estímulo (o estímulo colonizador que o meio geográfico oferece) será tanto mais eficiente quanto mais longe se encontra da carência ou do excesso de adversidade ambientais".

Ainda hoje é viva a preocupação dos geógrafos em face da equação homem-solo. Os possibilistas da escola francesa admitem que o meio geográfico ofereça mais possibilidades que propriamente dificuldades, aquelas exploradas desigualmente, em semelhantes ambientes naturais, pelos povos, segundo o grau de cultura e o tipo de civilização de cada um. E os "enviromentalistas", que surgiram principalmente nos países anglo-saxões, colocando-se entre os possibilistas e os deterministas clássicos, dão certa ênfase ao contróle do meio e declaram com GRAFFITH TAYLOR que "precisamos aprender o caminho claramente indicado pela natureza (Opus cit. Pág. 12).

Naturalmente, tudo que diz respeito ao homem se complica. JEAN GOTTMANN ainda há pouco advertia aos geógrafos sobre o cuidado que devem ter em não esquecerem em suas pesquisas os homens "portadores de fé", os "sonhadores", que têm extrema importância nos estudos de povoamento, do consumo, como das instituições políticas.

Ser caprichoso, sonhador, o homem incumbe-se a cada passo de frustrar o intento daqueles que querem esquematizar as suas ações num simples quadro biológico. Nisso reside a debilidade da geopolítica e a pressa com que o primeiros geopolíticos, eivados do preconceito determinista, se lançaram à fixação de Leis, algumas explosivas como aquela do "coração do mundo" de MACKINDER, que foi o principal motivo de seu descrédito e da reserva com que a nova ciência passou a ser encarada nos círculos especializados.

Disto tudo se mostra muito bem advertido o A. deste tratado. Ele consegue reabilitar a nova ciência, reconciliá-la com o espírito científico ocidental, extrair-lhe o charlatanismo que dela se aposara para relevar os dados positivos que determinam o prosseguimento da pesquisa geopolítica, já não mais como ciência normativa "estritu-sensu", mas como síntese explicativa que se quer aplicar à inteligência dos acontecimentos contemporâneos.

Os últimos capítulos que o A. dedica ao estudo das tensões internacionais e à tendência externa dos estados mostram as possibilidades da nova ciência no apaixonante e completo terreno que lhe é próprio.

Escritor de grandes recursos e sólida erudição histórica, o DR. VICENS VIVES realizou sem dúvida um livro sedutor e prestante.

Seus amplos recursos literários, no entanto, levam-no a um certo exagêro no lançamento de novos neologismos científicos, como geomedicina, geoeconomia, biopolítica, "geopsiché" (êste adotado de um autor alemão), que soam a pedantismo científico e que não condizem com as novas tendências científicas que reagem hoje inclusive contra o dualismo geografia física-geografia humana, vindo na geografia uma unidade sistemática, que tem por objeto o estudo do "homem habitante" MAURICE LE LANNOU).

É de se lamentar também que, num tratado de geopolítica, o A. se limite a declarar (pág. 79) que a geopolítica não pertence propriamente à ciência geográfica, sem qualquer motivo. O que se tem hoje assentado é justo, o contrário: a geopolítica é um ramo da geografia humana, e, como tal, uma ciência das coisas e de sua localização na superfície terrestre. A localização, característica distintiva da ciência geográfica, é evidente traço definidor da geopolítica que, no dizer de GRIFFITH TAYLOR, "views space from the standpoint of the "state". — CID REBÊLLO HORTA.

AUSTIN F. MACDONALD: *Latin American Politics and Governments*. — T. Crowell Co., New York, 1949, VII, 642 pgs.

**D**M fins de 1948, tive minha atenção voltada para curioso anúncio em revista especializada americana, noticiando o próximo aparecimento dêste livro. Dizia êle: "É um texto completamente novo, pondo em destaque mais as realidades políticas de cada país da América Latina do que a forma do govêrno, baseada no estudo das constituições e de outros documentos oficiais. Para cada Estado é a seguinte a distribuição aproximada do espaço disponível: 15 % para o estudo dos fatôres históricos, geográficos e econômicos; 20 % para a forma de govêrno; e 65 % para a política contemporânea e líderes políticos. Esta distribuição permite o reconhecimento adequado do importantíssimo fator das personalidades, em contraste com a relativa insignificância das formas de govêrno naqueles países."

O anúncio, dentro de forma tipicamente americana, mais parecendo oferta de automóvel do que de livro, foi plenamente justificado, pois o tratado do Professor MAC DONALD é de fato uma novidade entre os manuais de ciência política para a América Latina. Os nossos estudiosos e publicistas teriam muito a usufruir de sua leitura, que oferece novas perspectivas e sobretudo novo método de tratamento de assunto em regra um pouco desinteressante e formalista, como é a análise das formas de govêrno mais ou menos semelhantes das várias repúblicas dêste hemisfério. Estamos habituados aos tratados de direito constitucional, que não dispõem de tradição mais viva para se aventurarem a analisar a vida política e as personalidades. O Professor MAC DONALD não se detem e procura satisfazer a nossa curiosidade.